

Os sonhos de pessoas trans no estado do Pará: a liberdade ou a capacidade de se autodeterminar¹

Gabriela Gonçalves Cabral²

Resumo: Este trabalho analisa as respostas de pessoas trans entrevistadas pelo projeto “Trabalho, Emprego e Renda Trans: estudo sobre o acesso ao mercado de trabalho de pessoas transgêneras no estado do Pará”, desenvolvido pelo Instituto de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Pará (ICJ/UFPa) com apoio do Ministério Público do Trabalho (MPT). O objetivo é identificar os maiores desejos profissionais e sonhos dessa população. Inicialmente, a pesquisa apresenta o perfil dos entrevistados e, em seguida, expõe as respostas às perguntas: “Qual seu maior desejo profissional?” e “Qual seu maior sonho de vida?”. O estudo também aborda o significado de “sonho” para definir seu uso neste contexto. A partir de uma análise de conteúdo, o objetivo é mostrar que a análise das experiências de sofrimento e injustiças vividas pela população trans no Brasil requer a escuta empática de suas narrativas, compreendendo demandas materiais, como moradia, e simbólicas, como o reconhecimento social. A principal contribuição é demonstrar que é possível estudar a alienação do mercado de trabalho vivida pelas pessoas trans a partir de seus próprios relatos, evidenciando as raízes sociais desse fenômeno e como ele impacta de forma ambivalente a formação de sua vontade e liberdade.

Palavras-chave: história dos sonhos. população trans paraense. Censo Trans Pará.

¹ Este artigo é parte do resultado da minha pesquisa de mestrado, que será disponibilizada em breve nos repositórios institucionais da Universidade Federal do Pará. O objeto central da dissertação é caracterizar de que maneira a população trans vivencia a alienação do (e no) mercado de trabalho no Brasil e os modos como isso impacta fundamentalmente as suas vidas, para apresentar um conceito de alienação que seja capaz de fomentar uma análise crítica que indique a partir dos próprios relatos dessas pessoas, as possibilidades disponíveis para transformar as condições em que vivem.

² Advogada, Bacharel em Direito e Mestre em Direito pela Universidade Federal do Pará. Bolsista do Programa de Empregabilidade e Formação LGBTQI+ do Instituto de Ciências Jurídicas (ICJ), da Universidade Federal do Pará (UFPa). E-mail: cabral.gabriela.adv@gmail.com

[...] ele dizia que "utopia" é uma palavra ridícula. Eu vou dizer uma coisa: eu acho que não é, não; a razão manda que a gente se acomode em casa, e o sonho é que leva a gente para a frente." (Ariano Suassuna)

Sonhar é acordar-se para dentro. (Mário Quintana, 2013)

"Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história. Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança. Por isso, venho insistindo, desde a "Pedagogia do oprimido", que não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de sonho se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua." (Paulo Freire, 1992)

Quem é a população trans paraense?³

O projeto "Trabalho, Emprego e Renda Trans: estudo sobre o acesso ao mercado de trabalho de pessoas transgêneras no estado do Pará", desenvolvido pelo ICJ/UFPA e apoiado pelo MPT, realizou 23 entrevistas em 2023. Os dados mostram uma população adulta jovem, majoritariamente entre 20 e 29 anos. Em relação à cor/raça, mais de 50% são negras, 4 se autodeclararam brancas e apenas 1 pessoa se declarou indígena. A maioria dos entrevistados reside em Belém, seguida por Santarém, além de outras cidades como Cametá, Santa Maria do Pará e Itaituba. No que se refere à identidade de gênero, predominam mulheres trans (30,4%) e homens trans (30,4%), com uma presença significativa de mulheres travestis (21,7%). Quanto à orientação sexual, 47,8% são heterossexuais e 30,4% se identificam como bissexuais.

³ É importante ressaltar que esses dados correspondem ao relatório parcial do projeto de pesquisa Censo Trans Pará, o qual ainda está em desenvolvimento. Portanto, essas quantidades podem se modificar até a finalização da pesquisa.

O que a população trans do Pará deseja e sonha?

Este estudo seguiu as três etapas do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011, p. 125): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, incluindo inferência e interpretação. A investigação concentrou-se nas respostas às perguntas: “Qual seu maior desejo profissional?” e “Qual seu maior desejo de vida?” das entrevistas semiestruturadas realizadas pelo projeto Censo Trans Pará, que busca mapear informações sobre trabalho, emprego e renda dessa população no Pará. A principal contribuição deste estudo é oferecer uma reflexão filosófica fundamentada em dados empíricos que aprofunda a discussão sobre os desafios vividos pela população trans no país. A hipótese central é que existe uma patologia social que afeta a forma como as pessoas trans elaboram seus desejos e constroem suas vidas, o que se reflete no horizonte de possibilidades que elas enfrentam. Tal patologia se manifesta na maneira como a identidade de gênero interage com o mercado de trabalho. Para investigar essa questão, a pesquisa formulou a seguinte pergunta-problema: de que forma os sonhos de vida das pessoas trans revelam a alienação que enfrentam no mercado de trabalho?

Os indicadores para interpretar as respostas sobre “maior desejo profissional” foram: a) Ativismo; b) Formação acadêmica; c) Docência universitária; d) Empreendedorismo; e) Profissões jurídicas; f) Estabilidade/ascensão profissional; g) Ausência de desejos. Para a pergunta “maior sonho de vida”, os indicadores incluíram: a) Direitos fundamentais; b) Realizações pessoais; c) Indecisão ou ausência de sonhos; d) Conclusão da transição; e) Estabilidade financeira e reconhecimento social; f) Ativismo. A seleção destes indicadores baseou-se na frequência das respostas, assegurando a inclusão de todas as informações coletadas.

Quando perguntadas sobre seu maior desejo profissional, as pessoas entrevistadas responderam da seguinte maneira: 7 pessoas responderam o desejo de se tornarem professoras universitárias; 6 pessoas responderam que desejam realizar uma formação acadêmica, compõem essa categoria desde a formação da graduação até a

pós-graduação stricto e lato sensu; 3 pessoas responderam desejos que estão associados ao empreendedorismo; 2 pessoas responderam desejos associados a trabalhar como ativistas, sendo remuneradas por isso; 2 pessoas responderam desejos associados à ideia de estabilidade profissional e/ou ascensão profissional; 2 pessoas responderam desejos de exercerem profissões jurídicas; e por fim, 1 pessoas respondeu que já passou da fase de possuir desejos. Observa-se que o maior desejo da população trans paraense é se tornar professor(a,e) universitário (30,4%), em segundo lugar é realizar uma formação acadêmica (26,1%) e em terceiro lugar, é o desejo por empreender (13%). Percebe-se que o desejo profissional dessa população está muito associado à ideia de participar da universidade brasileira, seja na condição de discente ou como docente⁴.

É possível tentar conhecer as razões que justificam os desejos dessas pessoas, por meio da análise de seus relatos. Por exemplo, 7 pessoas almejam a carreira de docência do ensino superior, desse total de pessoas, quatro disponibilizam mais informações que nos permitem concluir suas razões específicas para responderem esse desejo. O entrevistado nº 5 é um homem trans, branco, heterossexual que já é professor universitário, mas de faculdades particulares. Ele afirma que “gostaria de continuar sendo professor, se possível não de privada, queria muito poder entrar no serviço público”. Junto a isso, percebe-se que ele considera o serviço público como professor de uma universidade pública federal uma situação mais segura e estável do que o seu trabalho em faculdades particulares. Diante disso, ele se sente seguro para expor sua identidade de gênero em uma sala de aula e levar as questões da população trans para esse ambiente. Assim, o desejo dele está baseado no sentimento de se sentir seguro em uma universidade pública. Por outro lado, a resposta da pessoa entrevistada nº 16, a qual é uma pessoa trans (ainda em processo de autoidentificação), branca, relata que seu grande sonho é retornar para a universidade como docente. A primeira razão que ela

⁴ Em razão de grande parte dos contatos das pessoas entrevistadas terem sido adquiridos, por meio de relações acadêmicas, é possível haver um certo grau de enviesamento nesse resultado parcial, o que não possibilita afirmar com muita segurança que essa conclusão corresponde à realidade nacional da população trans. Até o final da pesquisa, esse enviesamento será corrigido, buscando outras fontes.

informa para justificar o seu desejo é a sua percepção de que há uma grande ausência de professores LGBTI+ na universidade, e ela ressalta o campus de Cametá, cidade pertencente ao Nordeste Paraense. Em seguida, ela oferece outra justificativa: ela acredita ser uma pessoa que possui o perfil adequado para trabalhar com o público que frequenta a universidade, porque gosta de lidar com questões mais conceituais e abstratas.

O que há de comum nas justificativas apresentadas pelos entrevistados é a necessidade de levar a questão da pauta LGBTI+ para a universidade, e do modo como eles relatam, o ambiente universitário dá condições para que isso se torne realidade. Essa intuição percebida principalmente na fala do entrevistado nº 5 pode ser confirmada pela fala dos entrevistados nº 6 e nº 11, os quais respectivamente relatam como a universidade fornece uma forte estabilidade financeira e como esse fato é um dos mais importantes, bem como porque o trabalho desenvolvido na universidade permite que a vida possa ser vivida de uma forma mais suave, considerando que a entrevistada nº 11 já chegou a trabalhar em três vínculos como professor não-universitário. Nesse caso, ela considera que trabalhar como professora universitária diminuiria a carga horária de trabalho. Apesar de vivenciar experiências profissionais distintas, porque o entrevistado nº 6 é um homem trans, negro, heterossexual que migrou da área de arquitetura para ciências humanas, e atualmente cursa licenciatura em ciências sociais, e por sua vez a entrevistada nº 11, é uma pessoa não-binária, negra, homossexual que já é professora universitária, mas não é um servidor público efetivado. Ambos os entrevistados demonstram nas suas falas que desejam estabilidade seja em uma dimensão financeira, seja em relação à carga de trabalho.

Em relação à categoria do desejo de realizar uma formação acadêmica, das 6 pessoas que responderam, cinco responderam que desejam se formar em cursos de graduação pertencentes à área da saúde, sendo eles: educação física, medicina, psicologia e enfermagem. Entre as pessoas que responderam que desejam ser enfermeiras, a entrevistada nº 14, que é uma mulher travesti negra, forneceu em seu

relato razões que demonstram que o seu desejo por essa formação não se limita a ser um desejo profissional individual. Está também conectado ao fato de que ela adquiriu HIV, e desde então ela deseja contribuir para luta social pela política de saúde para a prevenção e tratamento do HIV/AIDS. Ela frequenta bastante o centro onde recebe atendimento e também realiza o acolhimento de outras pessoas.

Ademais, há uma das 6 que responderam ter o desejo de ter uma formação acadêmica, a entrevistada nº 4, que é uma mulher travesti, negra, bissexual, que deseja fazer mestrado acadêmico, cujo relato vale a pena ser citado na íntegra:

Entrevistada nº 4: Então é...de verdade, financeiramente eu cheguei aonde eu gostaria, onde eu jamais pensei que estaria, sei que eu tenho que sonhar maior, mas eu também tenho que me satisfazer pelo que eu já conquistei, sabe? Então, hoje eu sou financeiramente estável, isso para mim, para qualquer travesti, isso já é o ápice do que a gente talvez possa ter na vida sabe... então, agora, de verdade, eu estava até conversando com meu marido que, apesar das correrias, apesar de tudo, a gente veio para Belém. Eu conheci meu marido, é a gente, se conheceu na rua, inclusive, quando a gente se conheceu, eu trabalhava na prostituição. Ele trabalhava para o tráfico. Hoje ele está na metade do curso de engenharia mecânica. E é um jovem negro também. A gente já vai fazer 9 anos juntos e aí eu estava falando para ele que eu estava com uma sensação, tipo, precisava fazer novos sonhos. Eu precisava sonhar mais, porque muita coisa aconteceu muito rápido. É... por mais que não seja uma pós-graduação, conseguir terminar um curso de aperfeiçoamento depois da minha graduação. Isso para mim já é uma vitória do caralho e estar em Belém fazendo isso... Ele está na faculdade, a gente sempre teve esse combinado, que ele me sustentou durante muito tempo trabalhando em várias coisas e eu falei, quando retomasse esse lugar, iria só estudar e a gente conseguiu cumprir esse acordo também, conseguir só trabalhar, estabilizar financeiramente, ele está estudando, eu falei assim, agora eu preciso sim sonhar mais, porque agora eu não, nunca, nem imaginei que já fosse dar tão certo até onde já está dando então.

Entrevistadora: Qual é hoje o teu desejo profissional?

Entrevistada nº 4: Entrar no mestrado, eu tenho que entrar no mestrado, eu já entendi que a vida acadêmica é. **É, eu só tenho tive que relembrar na verdade, voltar a conversar com a Dandara de 17 anos de idade e lembrar o sonho que essa Dandara tinha. Sabe que era uma Dandara mestranda, extremamente ligada à academia, mas era uma Dandara que ainda não tinha passado, pelas violências que tiram a gente desses espaços. Sabe, mas eu tive que voltar e encontrar essa Dandara de 17 anos para relembrar porquê que era tão importante a seguir a vida acadêmica, porque era tão importante mestrado para aquela, Dandara, sabe? E entender o que que fez eu ter desistido do sonho de estudar para trás e entendi que foi todo esse processo de violência.** E como eu falo mesmo se a gente planejar, as coisas vão acontecendo. No artigo 19, que é uma é...que se diz organização da sociedade civil, mas é uma organização gringa que foi criada lá em Londres, década de 50, 15 anos que o tá no Brasil. Aí eu chego nessa organização que entende o corpo que ele está colocando ali dentro, então eu estou lá no cargo de coordenação, por exemplo, mesmo sem cumprir todos os requisitos que as pessoas deveriam ter para estar lá como eu não to cursando mestrado, mas estou. Ou seja, isso também é a organização dizendo que entende o meu processo para mim, estar ali e entende da onde vem o meus conhecimentos para mim estar ali, então isso também foi muito importante, **mas agora eu entendo também que para mim, isto aqui também é isso, não é só ocupar o espaço da gente, se manter nesses espaços e agora para mim me manter a médio e longo prazo nesse espaço eu preciso do mestrado e mas não é uma questão assim que está vindo como precisar “porque eu preciso disso, porque se eu não vou viver, ninguém vai me respeitar”, não. Agora, o mestrado está vindo numa fase muito mais leve. Está vindo assim, “não, preciso porque está na hora, porque vai ser útil agora, porque eu já tenho grana para sobreviver, para comer, para ter minha luz, para ter minha internet”, então, sabes, está vindo muito naturalmente, se encaixando dentro disso, então é muito bom essa sensação, sabe?**

Esse relato narra o contexto de surgimento, ou talvez seja melhor falar no ressurgimento, do seu desejo de realizar o mestrado. Ela afirma que a sua versão mais jovem sempre desejou estudar e fazer mestrado, mas desistiu desse sonho, devido às violências que sofreu em razão da sua identidade de gênero. Posteriormente, após uma boa experiência de trabalho em uma ONG e com o apoio de seu companheiro, ela narra que conseguiu chegar a uma situação financeira estável que era não apenas o ápice para ela, mas para qualquer travesti. Porém, ela julga necessário criar novos sonhos para a sua vida, e nesse processo, ela resgata dentro de si mesma, a vontade de cursar o mestrado. É importante ressaltar que esse desejo surge em um contexto financeiro

estável, em um ambiente de trabalho acolhedor para ela como travesti, que a reconhece dignamente, de maneira tal que ela não vincula ao mestrado, alguma necessidade de reconhecimento por parte das pessoas do seu trabalho. Portanto, é um desejo que surge de maneira orgânica e confortável para ela.

Esse relato indica que há uma relação determinante entre as condições do mercado de trabalho e a capacidade das pessoas trans sonharem com coisas novas ou resgatarem sonhos antigos, que foram abandonados diante das violências sofridas. O mercado de trabalho aparece nessa narrativa como o fator preponderante para que essa mulher deixe de concentrar todos os seus esforços existenciais em conseguir sobreviver dia após dia, e passe a sonhar com a realização de algo além do básico que é ter dinheiro para custear os gastos básicos de uma vida.

Isso pode ser percebido também na fala dos 2 entrevistados que se enquadram na categoria de estabilidade e ascensão profissional. Os entrevistados nº 3 e nº 23, são respectivamente um homem trans negro, heterossexual e uma pessoa trans não-binária branca, bissexual. O entrevistado nº 3 relata, assim como a entrevistada nº 4, que está estável financeiramente, já alcançou o que gostaria de alcançar, pois está trabalhando com a carteira de trabalho assinada e é reconhecido no seu mercado de trabalho. Ele afirma que o seu desejo é crescer ainda mais profissionalmente, alcançando cargos melhores e ser reconhecido pela sua qualidade de trabalho, especialmente pelo seu trabalho como tradutor.

Por outro lado, o entrevistado nº 23⁵ é uma pessoa que à época da entrevista havia finalizado recentemente sua graduação em psicologia, e relata que o seu desejo é ter estabilidade, além disso relata ter desejo de ser psicólogo clínico. A partir desse relato, percebe-se que os desejos como realizar a transição hormonal ou gozar de uma vida confortável, surgem na fala do entrevistado pressupondo a estabilidade. Em sua fala, ele relata que pensa na estabilidade em pelo menos duas perspectivas, reconhecimento profissional e condições financeiras. Ele considera que sem essa

⁵ A pessoa entrevistada nº 23 é uma pessoas trans não-binária que aceita os pronomes masculinos ele/dele.

estabilidade seja difícil chegar em determinados lugares, empregos e oportunidades, pois pode sofrer discriminação ou represálias por conta da sua identidade de gênero. Ao ser questionado sobre como ele pensa que será o seu futuro profissional, ele responde que está em um momento de construir as coisas, no sentido de ainda estar se formando como profissional e afirma que “Eu acho que o caminho até chegar aonde eu quero é de muita formação, pós-graduação lato sensu, stricto sensu, pra eu conseguir fazer isso. Mas aí, pensar um pouquinho ainda.”

Quanto à categoria do empreendedorismo, 3 pessoas se incluem nela. O entrevistado nº 8 é um homem trans pardo, heterossexual de Santarém, que trabalha em uma lanchonete conhecida da cidade e relata que seu maior desejo profissional é abrir um pub. A entrevistada nº 22 é uma mulher trans parda, heterossexual de Santarém que já possui o seu próprio negócio, um salão, mas deseja expandir mais, para contratar mais pessoas. A entrevistada nº 17 é uma mulher indígena, travesti e bissexual que no contexto de sua entrevista lembra nessa pergunta sobre desejo profissional, que fez um curso profissionalizante por um instituto de moda, e no trabalho de conclusão do curso, ela expôs seu trabalho juntamente com o seu grupo de trabalho. Porém, ao ser questionada pelo entrevistador, ela relata que tem vontade de expor sozinha o seu trabalho nesse local, e nesse caso, juntamente a esse desejo, o seu maior desejo é ter uma casa cultural de produção de roupas da sua marca. Ela deseja que essa casa seja administrada por pessoas trans da sua confiança, e assim, poder tirar suas férias.

Percebe-se outra característica recorrente na experiência de vida das pessoas trans, sobretudo a partir do relato do entrevistado nº 3 e da entrevistada nº 17, que é o fato de que é comum na vivência dessa população, serem versadas em diversas habilidades manuais, artesanais e intelectuais, a fim de garantir a própria subsistência. Por exemplo, o entrevistado nº 3 é formado em Direito, é tradutor, sabe dar aulas de francês, já vendeu produtos na rua, por sua vez, a entrevistada nº 17 além de fazer roupas, trabalha com performances artísticas e intervenções envolvendo a questão ambiental, ela reutiliza materiais em seus trabalhos. Apesar de o entrevistado nº 3

encarar essa capacidade de ter muitas habilidades com otimismo, percebe-se que no caso da entrevistada nº 17, isso também é cansativo, porque não é acompanhado de estabilidade financeira. Dessa forma, quando a pessoa não é empregada como no caso da situação do entrevistado nº 13, a pessoa sempre precisa ficar pensando como fará para dar conta de suas necessidades financeiras e praticamente nunca poderá tirar férias, como fica explícito na fala da entrevistada nº 17. Esses aspectos refletem novamente a relação entre mercado de trabalho e a capacidade de sonhar além do básico, exposta anteriormente.

Ao prosseguir com a análise das respostas, na categoria profissões jurídica, os dados mostram que a entrevistada nº 15, mulher travesti negra, heterossexual da cidade de Belém, tem como desejo ser uma ministra do Supremo Tribunal Federal (STF) e o entrevistado nº 19 homem trans branco, residente na capital paraense, deseja ser advogado. As respostas de ambos demonstram que embora as suas respostas estejam relacionadas a um desejo de realização pessoal, inevitavelmente, são desejos que refletem explicitamente um desejo que tenha um significado social político para a população trans. Porque em relação à entrevista da entrevistada, ela afirma em um tom de descrença que “Meu sonho, é um sonho muito alto, meu verdadeiro sonho **é sim ser** uma ministra do STF. Esse é o meu maior sonho.” Quando ela utiliza essa expressão “**é sim**”, é como se ela estivesse reafirmando que quer mesmo ser ministra do STF, ainda que isto seja indisponível para alguém como ela, uma mulher travesti negra nortista. O seu tom de descrença que esse desejo possa se concretizar se dá em razão do cansaço que ela relata desde o início da resposta a essa pergunta, mas percebe-se que o sonho relatado supera suas expectativas individuais, quando ela afirma que luta para que as novas gerações possam ter acesso a esses espaços de poder e decisão, a fim de que não fiquem limitados a trabalhos como serviços gerais, serviços de beleza, prostituição ou fazendo rifas. Por outro lado, nessa mesma categoria, o entrevistado nº 19, que deseja ser advogado, fornece a razão de seu desejo, por meio da resposta fornecida à pergunta seguinte sobre o seu sonho. Em resposta à pergunta do sonho (que será analisada mais a

frente), ele afirma que deseja atuar como advogado para contribuir com sua formação intelectual, para processos de criações de leis que promovam a equidade social às pessoas trans.

Percebe-se pela análise conjugada das entrevistas dessa mulher e do entrevistado de nº 19, que embora ambos tenham desejos profissionais na área da carreira jurídica e que possuem uma relação com os anseios políticos de uma população vulnerabilizada socialmente, é menos provável que a entrevistada nº 15 realize o seu desejo do que o entrevistado nº 19. Isso pode ser explicado pelo fato de que homens trans brancos como o entrevistado nº 19, que nesse caso cresceu em uma família que tinha condições econômicas da classe média e possui uma passabilidade, permitiu com que ele tivesse acesso à educação formal sem maiores problemas, e portanto, gozou da oportunidade de alcançar outros lugares sociais e profissionais. O que no caso da entrevistada nº 15 não foi possível, visto que ela é uma mulher travesti preta que não cresceu gozando de boas condições financeiras e não possui passabilidade perante pessoas cis. Essas circunstâncias fizeram com que ela fosse desrespeitada de muitas formas durante as vezes que tentou estudar, que resultou na sua evasão dos espaços educacionais.

Ao analisar a categoria de ativismo, as entrevistadas nº 1 e nº 2 respondem que seu maior desejo profissional tem a ver com trabalhar com o ativismo. Entretanto, embora elas compartilhem esse desejo, há nuances em suas respostas que demonstram que são respostas semelhantes, mas não iguais. Percebe-se que no primeiro caso, a entrevistada afirma seu desejo de trabalhar como ativista com um tom de deslumbreamento com a ideia de “quem sabe um dia” ser embaixadora em uma ONG, trabalhando com temas como direitos humanos e políticas públicas para a população LGBTI+. Esse desejo parece ter se originado para a entrevistada nº 1 de uma experiência anterior positiva. Entretanto, o mesmo não pode ser afirmado em relação ao relato da entrevistada nº 2, que demonstra ter uma grande dúvida se possui um desejo profissional ou vários desejos, devido às circunstâncias de sua vida, ela precisa exercer

várias profissões: “Porque assim, eu nem sei qual é a minha profissão hoje né [risos], eu não sei se eu sou trabalhadora sexual, se eu sou pedagoga, se eu vou ser assistente social, porque ser ativista de direitos humanos também é uma profissão, entendeu? né?” Entretanto, passado esses autoquestionamentos iniciais, a entrevistada revela que o seu real desejo é “ser só mãe”. Por essa resposta ter surgido a partir de uma pergunta sobre desejo profissional, é possível pensar que a entrevistada enxergue a maternidade como um trabalho que ela tem prazer em realizar, de modo que ela “queria poder curtir a maternidade como algo primordial”. Porém, como socialmente, a maternidade não é compreendida como trabalho e muito menos remunerado, logo em seguida, ela afirma que esse desejo não está disponível para ela, e que ela precisa trabalhar.

É só a partir desse momento, que a entrevistada relata o seu desejo de continuar trabalhando como ativista. Embora ela afirme ser prazeroso e gratificante receber elogios ou relatos sobre como ela impactou positivamente a vida de diversas pessoas com o seu ativismo, observa-se que ela nutre esse desejo pelo ativismo de modo secundário. Pois, não restam dúvidas, a partir da seguinte frase que o seu verdadeiro desejo é pela maternidade: “mas eu queria muito muito mesmo ser só mãe, eu queria ser só mãe, hoje eu queria poder, eu queria poder curtir a maternidade como algo primordial pra mim”. Principalmente, pela escolha das palavras **muito** e **só**, utilizadas duplamente na frase.

Por fim, a última categoria a ser analisada corresponde unicamente à resposta da entrevistada nº 21, ela afirmou que “eu acredito que eu já passei da fase dos desejos”. Essa entrevistada é uma mulher transexual negra, heterossexual da cidade de Belém. Ela afirma que “tinha muitos desejos, muitas vontades, mas que me foram limitados e hoje em dia eu já me sinto confortável aonde eu estou”. Isso pode ser avaliado como um processo de conformação dela em relação às circunstâncias limitantes que ela vivenciou em razão da discriminação da sua identidade de gênero. Outro motivo que ela oferece para justificar a sua resposta consiste no fato de que ela não se considera uma pessoa que tem uma ambição de natureza pessoal individual, mas sim coletiva. Esse relato

permite refletir que não obstante uma pessoa tenha conhecimento das razões sociais que limitaram ou extinguiram a sua capacidade de sonhar ou desejar com a sua própria vida, ainda assim é possível dizer que essa pessoa sofre com o fenômeno da alienação, pois mesmo ela sendo ciente dos processos sociais que impediram a sua autorrealização no mundo, ainda assim a capacidade desejante do *self* continua bloqueada ou impedida de se realizar. Isso pode ser percebido a partir do relato dela, na medida em que ela tem consciência das necessidades da população trans, da qual ela faz parte, mas ainda assim, o seu desejo de autorrealização individual não se manifesta na sua resposta.

Quando perguntadas sobre seu maior sonho de vida, as pessoas entrevistadas responderam da seguinte maneira: 5 pessoas responderam com sonhos que podem ser classificados como direitos fundamentais previstos na Constituição Federal ou como direitos humanos em geral; 3 pessoas responderam com sonhos que versam sobre realizações pessoais que envolvam a mãe e/ou afeto familiar; 3 pessoas responderam que seu maior sonho é concluir a transição ou de alguma forma se sentirem confortáveis com seu próprio corpo; 4 pessoas responderam contando sonhos referentes à realizações pessoais diversas, o que não inclui questões familiares, financeiras ou espirituais; 2 pessoas responderam dizendo que desejam ser ricas; 2 pessoas responderam contando desejos de realizações de cunho espiritual; 1 pessoa respondeu que almeja estabilidade financeira e reconhecimento social; 2 pessoas responderam que não sabem ou não têm; e 1 pessoa respondeu contando um sonho que está associado ao ativismo social na pauta trans. Diante disso, percebe-se que uma parte considerável dessa população relata como maior sonho de sua vida, o que na verdade está escrito na Constituição Federal como um direito garantido pelo Estado Democrático de Direito da República Federativa do Brasil (21,7%), ainda mais se levarmos em consideração os relatos de sonhos associados ao ativismo (4,3%) e à estabilidade financeira e reconhecimento social (17,4%).

A categoria de direitos fundamentais é composta por 5 pessoas. Da análise dos relatos, percebe-se que as pessoas falam sobre direito à vida, à moradia e à liberdade de

maneira ampla, incluindo a liberdade de expressão e a liberdade de ir e vir. O sonho mais eminente da entrevistada nº 1 é o direito à vida, pois ela afirma que deseja “envelhecer bem, ter uma boa aposentadoria, ter uma tranquilidade de vida, uma estabilidade”. Ela afirma que desejar isso sendo uma pessoa trans é desafiador e finaliza a primeira parte da sua resposta afirmando que deseja “conseguir envelhecer viva né sem ser morta”. Só após essa exposição, a entrevistada parte para outra parte da sua resposta que não se inclui na categoria de direitos fundamentais, que corresponde ao seu sonho de “viajar o mundo todo, é um dos meus sonhos também viajar, conhecer vários lugares...tenho muita vontade de sair pra fora do Brasil”. Desse modo, essa entrevistada também se inclui parcialmente na categoria de realizações pessoais diversas, mas fundamentalmente, o seu sonho é o direito à vida na fase de envelhecimento e de não ser morta.

A entrevistada nº 21, por sua vez, afirma que seu sonho é usar da liberdade. Em seu relato, essa entrevistada considera que “nós vivemos num país livre”, porém, essa liberdade é apenas formal, porque concretamente, ela não sente que seja livre para “expressar o nosso amor”, e se emociona ao afirmar que ainda não se sente livre para “andar na rua despreocupada, de poder usar dessa liberdade pra ser mais feliz”. Além disso, outro direito que surge na análise das respostas é o direito à moradia, que aparece nas respostas das entrevistadas nº 2, 14 e 15. Surgem nessas respostas a questão da necessidade de uma política habitacional que seja arquitetada internacionalmente, considerando a identidade de mulheres trans, a raça, a orientação sexual e a condição de maternidade ou não das mulheres. Pois, a entrevistada nº 2 é mãe e relata que viver de aluguel, leva a ela viver em uma situação sempre delicada de ter que tomar decisões difíceis de ter de “optar entre dar algo pro meu filho e pagar o aluguel”, e quase sempre, ela escolhe pagar o aluguel, para não colocar o seu filho em uma situação de vulnerabilidade. É importante observar que a entrevistada nº 15 relata na segunda parte de sua resposta, que deseja ajudar na construção de uma casa de acolhimento LGBTI+, o que a inclui parcialmente na categoria de ativismo. Outro aspecto importante sobre a

categoria de direitos fundamentais é que todas as pessoas entrevistadas são mulheres negras: 3 mulheres transexuais e 2 mulheres travestis. Isso demonstra que a população negra feminina trans e travesti é a mais vulnerabilizada em relação à garantia de direitos. Outrossim, considerando as respostas e a biografia dessas pessoas, estão diretamente relacionadas a atividades de ativismo e atuam na discussão de políticas públicas para a população LGBTI+ de maneira geral.

A análise da categoria de ativismo está relacionada à categoria anterior de direitos fundamentais, porque também tem por objeto central a luta pela concretização de direitos para a população trans. Essa categoria é composta formalmente por apenas uma pessoa, porque apenas uma pessoa respondeu diretamente que tem um sonho relacionado ao ativismo. Porém, é importante pontuar que outras duas pessoas se incluem parcialmente nesta categoria, ainda que o ativismo surja em suas respostas de maneira mais subsidiária, essas pessoas são a entrevistada nº 15, cujo relato já foi exposto na categoria anterior e o entrevistado nº 19, o qual se inclui primordialmente na categoria de realizações pessoais diversas, porque seu principal sonho é fazer doutorado como advogado militante sobre as questões da população trans, mas subsidiariamente, ele almeja com esse sonho, contribuir para a luta por direitos dessa população, propondo leis e intensificando o debate público e acadêmico. A única pessoa entrevistada que responde diretamente um sonho relacionado ao ativismo, afirma que seu maior sonho é a criação de uma casa de acolhimento. Isso corrobora o entendimento de que a questão da moradia e de uma política de casas de acolhimento da população LGBTI+ é uma questão central para a população trans, pois é uma resposta recorrente, conforme pode ser observado até aqui.

A categoria de estabilidade financeira e reconhecimento social conta com as respostas das entrevistadas nº 20, 9 e 17. Nessa categoria, apenas uma pessoa responde que seu sonho é primordialmente ter estabilidade financeira e reconhecimento social, que é a entrevistada nº 20. Contudo, há duas outras entrevistadas que se incluem nessa categoria parcialmente. Trata-se das entrevistadas nº 9 e 17, as quais respectivamente se

encaixam primariamente nas categorias de riqueza e concluir a transição. Na resposta da entrevistada nº 20 a estabilidade financeira proporciona a possibilidade dela alcançar outros lugares, viajar para outros lugares do Brasil e do mundo, assim como crescer como “ pessoa, enquanto figura pública, ou enquanto pesquisadora”. No relato da entrevistada nº 9, percebe-se como o principal sonho dela de ser rica acompanha o seu desejo de reconhecimento perante a sociedade. No caso específico da entrevistada nº 17, o seu desejo por estabilidade financeira esboça uma grande preocupação com o seu tempo de vida e como será a sua velhice (na hipótese dela conseguir chegar viva na velhice). A entrevistada sente uma grande ansiedade, porque considera que a “perspectiva de vida que a gente tem bem pouquinha e aí a gente tem esse desespero de conquista né”. A idade média que uma pessoa trans no Brasil vive é 35 anos⁶, diante desse fato, a entrevistada se sente decepcionada, porque já possui 25 anos e não possui as coisas e nem realizou tudo o que gostaria de realizar. Nesse contexto, ela sente um “desespero” em conseguir realizar os seus desejos o mais rápido possível, e sente “medo de ficar dependendo de umas coisas que não vão me dar assistência como governo, como família né”. Assim, ela considera ser sua obrigação pessoal conquistar seus sonhos.

A categoria de não sabe ou não tem a capacidade de sonhar, possuem as seguintes respostas:

Entrevistado nº 6: Geral da minha vida...eu não sei, eu não sei se eu tenho capacidade de sonhar, eu não sei... Eu acho que meu sonho é ter estabilidade financeira e eu acho que a minha vida é muito construída em torno disso né, dessa busca por essa estabilidade financeira. Talvez, eu nunca tenha, não tenha mais né. Nunca não, porque nunca não existe. Mas talvez por estar em busca disso tanto tempo, por isso ser uma urgência tão grande, eu tenha deixado outras coisas de lado. Então, talvez eu tenha perdido essa capacidade de sonhar em relação a isso, essas outras coisas.

Entrevistado nº 7: Não sei...eu não tenho visão de futuro.

⁶ Consultar o “Dossiê: ASSASSINATOS e violências contra pessoas Trans em 2022”, produzido pela Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), disponível em: <https://antrabrasil.org/assassinatos/>

As respostas dos dois entrevistados, contribuem para a fundamentação empírica da hipótese deste estudo de que o fato da população trans sofrer uma alienação do mercado de trabalho, em razão da discriminação da sua identidade de gênero, gera um bloqueio da sua capacidade de imaginar e desejar algo para suas vidas individualmente consideradas. A situação de alienação em que elas vivem gera uma falta de perspectiva perante o futuro de suas vidas, o que inclui um comportamento de passividade perante à realidade em que vivem, como se percebe no relato do entrevistado nº 7. Além disso, como se observa no relato do entrevistado nº 6, outro efeito frequente decorrente da alienação é o modo como ela subjuga o desejo e as ações das pessoas trans à busca de um único sonho, que na verdade deveria ser garantido pelo Estado: alcançar uma estabilidade financeira. Conforme pode ser visto até aqui, os relatos demonstram que a alienação do mercado de trabalho obriga as pessoas trans a não poderem sonhar, desejar ou fazer coisas que desviem do único “sonho” de ter estabilidade financeira. Aparentemente, é só após conseguir uma estabilidade financeira, que a vida das pessoas trans começam, na perspectiva de que é só a partir desse momento que elas se sentem livres para almejar coisas para si mesmas.

A categoria de concluir a transição, conta com as respostas dos entrevistados nº 8 e 10 e da entrevistada nº 17. Dessas respostas, depreende-se que a realização da transição, seja pelo tratamento hormonal ou pela cirurgia de redesignação sexual, é uma questão que impacta fortemente a forma como as pessoas trans se enxergam e atuam no mundo. É uma questão tão forte, que o entrevistado nº 10 afirma que acredita que a sua vida vai melhorar “bastante” após a conclusão da transição, pois “como eu ainda não completei ela, ela causa muita disforia, muita disforia. As vezes me atrapalha em estudo, em trabalho, fazer alguma coisa no dia-a-dia”. Junto a isso, a entrevistada nº 17 inicia sua resposta afirmando que a pergunta sobre os sonhos é muito difícil de ser respondida: “Ai, olha, muito pesado. Muito pesado...são muitos sonhos né”. Em seguida, ela afirma que tem um vínculo forte com a questão da transição, e, apesar de não ter certeza que gostaria de atingir uma passabilidade, o fundamental para ela é se

“ver diretamente no espelho como eu queria me ver assim, em estética...é...não queria me ver com barba, não queria me ver com peito pequeno, eu queria ser cavalona mesmo [risos]”.

A categoria de realizações pessoais diversas é composta por 11 pessoas, dessas respostas é possível organizar do seguinte modo: riqueza, espiritualidade, realizações pessoais envolvendo a mãe e/ou algum tipo de vínculo com a ideia de família e, por fim, realizações pessoais genéricas. Esses trechos das entrevistas relatam desejos que escapam às categorias anteriores, são mais diversos, abrangem desde desejos mais materiais como se tornar rico como é o caso dos entrevistados nº 3 e nº 9, até desejos de realização espiritual como narram os entrevistados nº 11 e 12. Além disso, há pessoas que narram sonhos relacionados a uma realização acadêmica como a entrevistada nº 4 e o entrevistado nº 19. É possível classificar os relatos dos entrevistados nº 5, 13 e 18 como realizações pessoais que envolvam a construção de uma família ou uma espécie de retribuição às suas mães. Por último, temos o sonho da entrevista de nº 22 que almeja sair do Brasil para morar na Suíça e o sonho do entrevistado nº 23, que deseja ir a um show com a sua companheira.

Além de fornecer informações sobre a importância da universidade e do ensino superior, as lutas pela concretização de direitos básicos individuais e sociais. As narrativas permitem concluir que os entrevistados se sentem desconfortáveis com as perguntas sobre desejos e sonhos. Isso é percebido pelas interjeições ou expressões geralmente acompanhadas de risos como “ai”, “égua”, “égua, vocês vem com umas perguntas né?!”, “difícil”, “nossa”, “que pergunta”, “ai, olha, muito pesado”, “meu deus...”, “ai [risos]...”, “[risos] eu não sei te dizer...”, “eita...[risos]”. O riso aqui esboça um desconforto dessas pessoas ao serem interpeladas com um questionamento desse tipo. Disso decorre ser possível interpretar que não é um costume para essas pessoas receberem esses questionamentos ou pensarem por si mesmas acerca deles. Além disso, esse incômodo percebido nessas expressões verbais pouco explícitas sobre qual é exatamente o estado emocional dessas pessoas, induzem à reflexão de que essas

perguntas fomentam um tipo de reflexão para essas pessoas que comumente não é realizado, em razão que as questões que giram em torno de seus pensamentos e práticas cotidianas versam sobre questões objetivas de sobrevivência: “como ganhar dinheiro?”, “com que dinheiro comprar comida e pagar o aluguel, a água, a energia e a internet?” Dessa maneira, questionar essas pessoas sobre qual o maior desejo profissional e o maior sonho de suas vidas, são coisas que fogem às suas preocupações diárias, e causa não apenas um estranhamento com esse tipo de pergunta, mas um incômodo e gera um certo esforço para formular uma resposta, o que por si só se torna importante de ser investigado.

O que são os sonhos? O que significa sonhar?

O significado de sonho é polissêmico, varia a depender do referencial adotado. Na compreensão ocidental, o substantivo sonho e o verbo sonhar podem ser empregados para fazer referência a duas situações: a experiência vivida pelo inconsciente durante o sono ou a experiência durante o estado desperto de desejar, ter expectativa ou a esperança de alcançar ou realizar algo. Na história dos povos ocidentais, a maneira como o sonho é compreendido e estudado remete à história da Grécia Antiga. Na Grécia Antiga, o sonho, assim como a poesia e a adivinhação pertencem ao *mythos* e não ao campo do *logos*, o que significa que não são guiadas pelos princípios lógicos como o da identidade e o da não-contradição. Desse modo, são práticas ou estados de consciência que podem ser ambíguos e contraditórios (Meneses, 2000, p. 188-189). Os gregos acreditavam que o titã Prometeu concedeu aos homens o fogo, as artes divinatórias, a esperança e os sonhos. A partir da articulação dessas concessões, Prometeu permitiu aos homens saberem quais sonhos serão realizados e quais não serão (Meneses, 2000, p. 196).

Desse modo, a Onirocrítica ou a interpretação dos sonhos foi extremamente importante na Grécia Antiga. A Onirocrítica de Artemidoro de Daldis é o único texto

que chegou até a contemporaneidade de maneira completa e sintetiza o entendimento grego sobre os sonhos e a arte de interpretá-los. Os tratados de Artemidoro demonstram que os intérpretes dos sonhos deveriam levar em consideração a biografia do sonhador, sua origem, sua profissão, qual a sua fortuna, qual o seu estado corporal, idade, pois considera que o significado de um sonho não é absoluto, o seu significado varia a depender daquele que o sonha (Meneses, 2000, p. 199). Além disso, Artemidoro demonstra que a maneira como os gregos entendiam o sonho pressupunha a “conexão imediata entre homem, cidade e cosmos” (Santos; Trindade. 2014, p. 313). Assim, o deciframento de um sonho consistia em uma forma de conduzir e cuidar da própria vida, mas não em um sentido individualista, mas sim coletivo inserido no contexto familiar e da *pólis*. A perspectiva de Aristóteles no Tratado Sobre a Alma e no Tratado Sobre a Memória e a Reminiscência desafia, em certo sentido, o caráter oculto e mítico dos sonhos, pois considera que o sonho e a poesia pertencem à fantasia, a qual é produzida pela sensibilidade, portanto está relacionada aos afetos e desejos, o que na Modernidade será desenvolvido mais tarde por Sigmund Freud com a criação da psicanálise (Meneses, 2000, p. 189).

O sonho começou a alçar um campo de estudos no conhecimento científico com o pai da psicanálise, Sigmund Freud, no século XIX/XX, sobretudo com a publicação de seu livro *A interpretação de sonhos* (1900). Para Freud, o sonho é uma experiência vivida inconscientemente pelo sujeito no momento do sono, o qual por estar em um estado inconsciente da sua consciência, o *id* estaria mais livre do controle do *ego*, e, portanto, o sonho revelaria os diversos desejos do sonhador, sobretudo os sonhos reprimidos pelo *ego* durante a vigília, também chamado de estado consciente ou desperto da consciência (Cheniaux, 2006, p. 170).

Nesse sentido, a psicanálise considera que durante a análise do paciente é importante proceder à interpretação dos seus sonhos, pois é uma forma terapêutica de tentar compreender como curar o adoecimento psíquico do paciente. Isso porque, para Freud, o sonho revela os traumas que envolvem o seu desejo, o que é suprimido pelo

ego durante o estado desperto da consciência. Esse entendimento psicanalítico do sonho supera a perspectiva mitológica dos gregos e desenvolve, no então contexto moderno, a compreensão de Aristóteles de que o sonho reproduz aquilo que o sujeito experimenta com seus sentidos durante a vigília. Entretanto, ao mesmo tempo, se aproxima daquela antiga concepção, na medida em que a interpretação do sonho cumpre o objetivo do cuidado consigo mesmo. Porém, diferentemente da compreensão grega antiga, a psicanálise considera o sonho dentro do contexto privado dos indivíduos, pois pressupõe que a coesão da sociedade burguesa exige que cada indivíduo tenha o devido controle de seus desejos ou paixões no âmbito urbano social (Santos; Trindade. 2014, p. 314;316).

Contudo, o sentido do método de interpretação de sonhos é disputado no âmbito da Psicanálise. Por exemplo, para Carl Jung não há distinção entre o “conteúdo manifesto e conteúdo latente” em um sonho, para Jung, não há sentido oculto na imagem que aparece no sonho, todo o sentido está contido na imagem, de modo que ela necessita ser investigada (Santos; Trindade. 2014, p. 316-317). Ademais, ele assume uma perspectiva polissêmica do sonho, e não apenas como realização do desejo. Desse modo, Jung considera que essa diversidade de significados deve ser explorada pelo analista junto ao seu paciente, tendo como foco compreender a finalidade do significado do sonho no momento presente da vida do paciente (Santos; Trindade. 2014, p. 317). A partir da criação da Psicanálise com Freud, é possível perceber diversas formas de compreender o sonho a depender das abordagens empregadas na Psicologia, dentre as quais destacamos: a comportamental, a fenomenológica existencial, a *daseinsanálise* e *gestalt-terapia*.

A abordagem comportamental compreende o sonho como uma experiência cognitiva causada pela interação entre o sujeito e o ambiente (com os seus estímulos), a partir dessa abordagem, o psicólogo deve focar na interpretação do paciente acerca de seus sonhos, a fim de identificar os esquemas cognitivos disfuncionais (Milhorim; Casarini; Scorsolini-Comin, 2013, p. 87-88).

Por sua vez, a abordagem fenomenológica existencial compreende desde Sartre duas formas da consciência tratar com os objetos: a perceptual e a imaginante. A maneira perceptual de apreender um objeto sempre considera o tempo e o espaço, diferentemente da imaginante que por não perceber, mas sim imaginar o objeto, o apreende de maneira imediata sem ter parâmetros para considerá-lo, já que não se orienta dentro de um tempo e espaço. Nessa abordagem, o papel do analista é conseguir identificar a partir da consciência imaginante, as questões da vida real do paciente, levando-o a pensar sobre a sua história pessoal e compreender o seu projeto inicial, sob o qual estão baseados os demais projetos existenciais, a fim de solucionar algum problema existencial do sujeito, que está bloqueando o fluxo dos processos de realização existencial do sujeito (Milhorim; Casarini; Scorsolini-Comin, 2013, p. 88-89). A última abordagem é a *daseinsanálise* e *gestalt-terapia*, que considera o sonho como um lado da mesma existência, que é parecido com a forma desperta de viver. O papel dos analistas que aplicam essa abordagem consiste em conduzir o paciente a considerar as possibilidades constantes no sonho, que ainda não foram realizadas, a fim de que ele conheça a si mesmo e decida qual possibilidade de vida realizará (Milhorim; Casarini; Scorsolini-Comin, 2013, p. 89-90).

Outro campo de estudos inserido na perspectiva ocidental, é o desenvolvimento (relativamente) recente da Neurociência, que se debruça sobre o sistema nervoso, vem desenvolvendo estudos que por vezes negam, e por vezes confirmam alguns entendimentos psicanalíticos⁷. De qualquer forma, a Neurociência é uma área do conhecimento que também está preocupada com o significado, origem e efeitos do sonho, ainda que utilize um método completamente diferente da Psicanálise, como exames médicos, para saber os processos biológicos que um ser humano passa quando sonha e encontrar padrões nesses fenômenos.

⁷ Consultar o artigo de Elie Cheniaux “Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica” (2006), disponível <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000200009>

Outra compreensão da experiência do sonho, a compreensão não-ocidental, constitutiva da vida de povos nativos, como por exemplo os Warlpari na Austrália⁸ e povos ameríndios como os indígenas Pumé dos Llanos do sudoeste da Venezuela⁹, entre outros. Apesar de cada povo possuir as suas particularidades, existem algumas características na forma como os povos nativos compreendem o sonho que os afastam da compreensão ocidental como as que foram apresentadas até aqui. Uma das primeiras características comuns, é o fato de que o sonho constitui ontologicamente o humano e não-humano, de maneira que o sonho é condição essencial para a vida em seu sentido mais amplo, de modo que a ausência do sonho afeta a existência desta dimensão como a conhecemos. Outra característica do sonho é que ele é compreendido como uma realidade que supera as dicotomias do ocidente do passado, presente e futuro, bem como do real e da fantasia. Desse modo, o sonho representa um estado diversificado de possibilidades disponíveis para os seres. Um terceiro aspecto importante para compreender essa cosmovisão é que o sonho não se restringe à restauração da saúde psíquica, como quer a Psicanálise e a Psicologia, pelo contrário, antes desempenha um papel fundamental para a autocompreensão do sujeito no mundo, na sua comunidade, tal é a importância do sonho que faz parte do modo de viver desses povos: relatar coletivamente os sonhos que cada pessoa sonhou.

Após a apresentação das diversas concepções do sonho, dentro e fora da compreensão ocidental, cabe explicar qual o sentido utilizado neste estudo. Aqui, o sonho ou sonhar deve ser compreendido como sinônimo de projeto, desejo, expectativa ou esperança que uma pessoa anseia realizar conscientemente. Sendo assim, se afasta das compreensões anteriormente relatadas, visto que não nos interessa interpretar os sonhos elaborados pela consciência durante o sono. Nos restringimos a interpretar os

⁸ Sobre os Warlpiri consultar “Tecnologia dos sonhos em Artemidoro, Freud, Jung e nos Warlpiri” (2014), artigo de Santos e Trindade, disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/xxHKDNhbdjCHGG4H5xCFzKB/>

⁹ Sobre o povo Pumé consultar “Para além do sonho e da vigília. O sonho ameríndio e a existência” (2022) de Gemma Orobitg, disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/ghG5XLmJNpM8BnbPMrR48Rb/>

sonhos elaborados pela consciência desperta e que é narrado pelas pessoas quando questionadas sobre seus desejos e sonhos de vida.

A ideia de sonho adotada neste estudo se relaciona a ideia de realização da liberdade do sujeito, pressupõe a capacidade de desejar algo diferente e melhor do que a realidade na qual o sujeito está inserido, repousando em uma certa compreensão de utopia de vida, tendo em vista uma emancipação social. Desse modo, considera-se que o desejo é resultado de um processo imanente às condições históricas de um determinado contexto onde está o sujeito. De tal maneira, que é impossível desassociar os processos sociais dos processos subjetivos individuais de cada pessoa, embora, seja possível individualizar os seus desejos. No escopo deste trabalho, o sonho em paralelo com o conceito de alienação, funciona como um conceito que é capaz de fornecer um diagnóstico acerca da situação existencial das pessoas trans no Brasil, a fim de analisar de que modo a alienação sofrida por elas no mercado de trabalho, e compreender os impactos dessa patologia social na formulação dos desejos e práticas utópicas dessa população. Ou seja, compreender de que modo o desejo dessa população se conforma ou não perante às circunstâncias da violência e discriminação social.

Dessa forma este trabalho também contribui para a história da esperança (ou no presente caso, para a história do(s) sonho(s)). Segundo Peter Burke (2012, p. 207), embora o ato de ter esperança possa ser atemporal, conforme defendeu Ernst Bloch, os objetos da esperança são sempre plurais, delimitados pelo tempo, lugar e grupo social, por exemplo. Para ele, é possível falar em horizontes variáveis de esperança e em uma pluralidade de histórias de esperanças. Nesse sentido, ele considera existir no mínimo três histórias da esperança: a psico-história, a história social ou sociologia histórica e a história cultural. A primeira abordagem diz respeito às diversas abordagens que a Psicologia atribui à história de diversas emoções como o medo, o amor, a raiva etc. A segunda abordagem torna a primeira verdadeiramente histórica, na medida em que investiga “quem tem esperança de quê...quando, onde e com quais consequências”, bem como busca saber quais instituições promovem o sonho. Essa abordagem

sociológica estuda a relação entre “esperanças e eventos econômicos e políticos, e...a relação entre esperanças e sociedade”. Por último, a abordagem cultural é responsável por garantir a história dos sonhos “as tradições de esperança...que fazem parte do imaginário coletivo de uma região, um período ou de uma classe social” (Burke, 2012, p. 207-208).

A partir dessa definição, o autor compreende que é possível estudar essa história, por meio da classificação das esperanças (dos sonhos) grandes e pequenas. As esperanças grandes correspondem a desejos de dimensão coletiva que envolvam a humanidade, enquanto as esperanças pequenas consistem em desejos restritos ao indivíduo individualmente considerado ou no seio familiar (Burke, 2012, p. 208). A partir da exposição da tese defendida por Burke é possível pensar que os sonhos se constroem de maneira histórica dentro de um tempo e um espaço geograficamente determinado, e não apenas isso, também são influenciados ou determinados por questões econômicas e políticas, bem como pelas instituições sociais, as quais são responsáveis por fomentá-los ou não.

Nesse sentido, ainda que não seja o objetivo principal, este presente trabalho também contribui de modo geral para a compreensão da história dos sonhos e de maneira específica da história dos sonhos da população trans no Brasil. Com base nisso, almeja-se, apresentar não apenas uma mera descrição histórica dos fatos ou neste caso, dos sonhos das pessoas trans do estado do Pará, mas fornecer uma contribuição sobre como pensar os problemas enfrentados por elas em sua dimensão existencial, a partir do conceito de alienação¹⁰.

¹⁰ O presente estudo, ainda que guarde diferenças quanto ao referencial teórico e a metodologia utilizada, é similar ao estudo MAGALHÃES, Kelly Alves et al. Entre o conformismo e o sonho: percepções de mulheres em situação de vulnerabilidade social à luz das concepções de Amartya Sen (2011) disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/8Jh35Ywj8dhXs44pvG4QMzx/?lang=pt#>

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, 2011.
- BURKE, Peter. A esperança tem história?. **Estudos Avançados**, 26(75), 207–218, 2012. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000200014>> acesso em 23 fev. 2024.
- CHENIAUX, Elie. Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. **Revista De Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul**, 28(2), 169–177, 2006. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000200009>> acesso em 23 fev. 2024.
- FERREIRA, Cláudio; PEREIRA, Amneres. Ariano Suassuna: o encantador de histórias. **Agência Câmara de Notícias**. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/92112-ariano-suassuna-o-encantador-de-historias/>> . Acesso em: 21 fev. 2024.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MENESES, A. B. de. O sonho e a literatura: mundo grego. **Psicologia USP**, 11(2), 187–209, 2000. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642000000200012>> acesso em 23 fev. 2024.
- MILHORIM, Thaís Kristine; CASARINI, Karin A.; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Os sonhos nas diferentes abordagens psicológicas: apontamentos para a prática psicoterápica. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 79-95, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 23 fev. 2024.
- OROBITG, G. Para além do sonho e da vigília. O sonho ameríndio e a existência. **Revista De Antropologia**, 65(3), e185870, 2022. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/16789857.ra.2022.185870>> acesso em 23 fev. 2024.
- QUINTANA, Mario. Do Sonho. In: **Caderno H**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- SANTOS, Abrahão de Oliveira; TRINDADE, Tarso Ferrari. Tecnologia dos sonhos em Artemidoro, Freud, Jung e nos Warlpiri. **Fractal: Revista De Psicologia**, 26(2), 309–326, 2014. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1984-0292/1020>> acesso em 23 fev. 2024

The dreams of trans people in the state of Pará: freedom or the ability to self-determine

Abstract: This paper examines the responses of transgender individuals interviewed for the project “Work, Employment, and Trans Income: a study on the access to the labor market for transgender people in the state of Pará,” conducted by the Institute of Legal Sciences at the Federal University of Pará (ICJ/UFPA) with support from the Public Labor Prosecutor’s Office (MPT). The primary aim is to identify the most significant professional aspirations and life dreams of this population. Initially, the research outlines the profile of the interviewees and subsequently presents their responses to the questions: “What is your greatest professional desire?” and “What is your greatest life dream?” The study further explores the concept of “dream” to establish its application within this context. Through a content analysis approach, the objective is to demonstrate that the examination of the experiences of suffering and injustices faced by the transgender population in Brazil necessitates empathetic engagement with their narratives, encompassing both material demands, such as housing, and symbolic ones, such as social recognition. The key contribution of this work lies in demonstrating that it is feasible to investigate the labor market alienation experienced by transgender individuals through their own narratives, thereby highlighting the social roots of this phenomenon and the ambivalent ways in which it affects the formation of their will and freedom.

Keywords: history of dreams. Pará’s trans population. Pará’s Trans Census.

Recebido: 22/09/2024

Aceito: 21/10/2024